



DESAFIANDO O SILÊNCIO



NA DNIC

MENOS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL RETIRAM A QUEIXA

No bairro Calemba II

Mulher é violada e morta

Vítimas sofrem traumas graves



Cooperação Espanhola

Reino dos Países Baixos



Koninkrijk der Nederlanden FUNDAÇÃO OPEN SOCIETY

As marcas da violação sexual

A violação sexual é seguramente uma das piores coisas que pode acontecer a qualquer pessoa: homem, mulher, criança ou velho. É um acto tão doloroso, horrível e chocante que todo mundo teme que aconteça consigo ou com outra pessoa, sobretudo as mais próximas. Até então, em Angola, a violação sexual era um crime cometido em cenários de guerra por militares, sem carácter e escrúpulo. Nas zonas em paz raramente ouvia-se falar de casos desta natureza. Por um lado, porque não aconteciam com regularidade, e, por outro lado, por ser tratar de um acto tão bárbaro e repugnante. A solução, na altura, era camuflar a situação para que ninguém se apercebesse devido ao receio de manchar a honra da vítima e da sua família. Hoje, o número de casos tem aumentado de forma assustadora e a atitude da sociedade face a estes casos já é diferente. As razões estão associadas a mudança do contexto político e social do país e da globalização, que tem permitido o acesso cada vez maior à informação, através da qual se ganha consciência de que é necessário combater a violência sexual e outros males que afectam as sociedades. Para o efeito, no caso particular da violência sexual, é preciso haver denúncia e seguimento do processo para que as autoridades judiciais possam penalizar o autor do crime. Ao mesmo tempo fica o alerta para que as pessoas previnam-se, evitando andar em zonas escuras e perigosas, sobretudo a altas horas da noite. Os pais devem estar atentos às amizades dos filhos adolescentes e aos comportamentos desviantes dos filhos que estejam na mesma fase de crescimento. Também não devem permitir que, sobretudo as crianças, fiquem a brincar na rua durante a noite. Enfim, a polícia tem estado a fazer uma série de recomendações aos pais, encarregados de educação, à juventude e à sociedade em geral porque entende ser possível evitar que este tipo de casos aconteçam, uma vez que os autores são geralmente pessoas próximas à vítima como irmãos, tios, professores, vizinhos, padrasto, ex-namorados, cunhados e até mesmo o próprio pai.

Diante destes acontecimentos, qualquer um afirmaria que a sociedade angolana está doente, pois não se compreende como é que um pai, que gera e deve proteger um filho, tem coragem de cometer tamanha atrocidade! Custa crer que isso seja verdade! Infelizmente é, e órgãos de comunicação social mostram quase sempre essas histórias chocantes que deixa toda gente de bom senso e com moral, bastante indignada.

Não fiquemos pela indignação. Temos que reagir, denunciando os autores dos crimes e acatando as recomendações da polícia, médicos e dos psicólogos que lidam com as vítimas directamente e registam as lesões e traumas que atingem o corpo e alma destas pessoas. Muitas delas nunca mais se recuperam, nem voltam a ser como antes.

Ficha Técnica

DIRECÇÃO

Josefa Lamberg

FOTOGRAFIA

Maria Guedes

COORDENAÇÃO

Josina de Carvalho

REDACÇÃO

Suzana Mendes

PAGINADOR

Edson Fortes

Maria Guedes

Ex-marido acusado de ser o mandante do crime

Mulher violada sexualmente e enforcada

Suzana Mendes



Foto de arquivo

A cidadã Guiomar, de 36 anos de idade, moradora do bairro Calamba II, vendedora na praça do Embondeiro (no sector do peixe), foi violada e enforcada com um fio, recentemente, supostamente a mando do ex-marido, Marcos António Jangada, com quem a malograda tinha cinco filhos e quatro netos.

O corpo da vítima foi encontrado um dia depois do acontecimento atrás da sua própria residência.

Os familiares da vítima apontam o ex-marido como o mandante por ter antecedentes criminais e mostrar-se, durante o tempo de convivência com a vítima, uma pessoa muito agressiva. Os problemas do casal, segundo os familiares, começaram quando Marcos (o acusado) violou a sobrinha da sua esposa, de seis anos de idade, e foi apanhado em flagrante pela família da mulher. Mais tarde, contam, fez o mesmo a própria filha, de 3 anos de idade, acto que foi descoberto

no hospital e que originou a separação.

Domingas, irmã da vítima, disse que o ex-marido da malograda fazia consumo de álcool. “No mês de Dezembro a Guiomar telefonou-me a dizer que o ex-marido estava a procura-la com um grupo de homens para lhe fazer mal. Aconselhei-a a sair de casa, mas ela não o fez, por causa dos filhos. Eles já estavam separados, mas quando o marido quisesse entrar na casa, o fazia na calada da noite pelo teto de casa”, informou.

A irmã mais velha da vítima contou também que no sábado anterior ao ocorrido o casal teve uma briga e Marcos, o ex-marido da vítima, deitou fora todos os produtos que a mulher vendia, o que levou a Guiomar a fazer queixa a unidade da polícia do referido bairro, onde Marcos ficou preso e posto em liberdade terça-feira. “A polícia disse que não podia mantê-lo na cela, porque a vítima na altura não apresen-

tava ferimentos”. Uma semana depois, segundo Domingas, ele voltou a casa da mulher, isto num sábado à noite, encontrou apenas os filhos e começou a fazer confusão, gritando e perguntando onde a mulher estava. Os filhos disseram-lhe que havia saído para buscar peixe para o jantar.

A família suspeita que tudo aconteceu na porta de casa dela, porque na manhã de domingo o corpo foi encontrado atrás da casa com um saco de peixe ao lado.

Uma das colegas da vítima disse que haviam sinais de que ela teria sido arrastada da porta até atrás da casa. A polícia esteve no local para remoção do corpo e fazer a autópsia. De acordo com o Superintendente Chefe Jorge Bengue, Porta-voz do Comando Provincial da Polícia de Luanda, Marcos António já está a contas com a justiça. “Ele é o único suspeito, neste momento está detido e o processo será entregue ao Procurador.

Vítimas de violência sexual têm atenção especial

Mirene Cruz

As vítimas de violência sexual recebem atenção redobrada na Repartição de Combate à Violência contra a Mulher e a Criança da Direcção Nacional de Investigação Criminal (DNIC).

A chefe da repartição, Conceição Nhangá, justifica que “tratando-se de violação, por ser um caso mais íntimo, que mexe com a honestidade da vítima, temos tido paciência e cuidado com as vítimas”.

Além do processo-crime contra o violador, disse que “a Repartição trabalha um pouco mais com a vítima, fazendo um acompanhamento psicológico mais aprofundado, uma vez que as violações deixam inúmeras sequelas nas vítimas.

Os dados estatísticos indicam que as idades das vítimas variam entre 13 e 50 anos e dos agressores entre 16 e 40 anos. Apesar de o



Conceição Nhangá, chefe da Repartição de Combate à Violência contra a Mulher e a Criança da DNIC

agressor ser menor de idade, a partir dos 16 anos já é responsabilizado criminalmente, de acordo com a Lei Penal vigente.

Mas, sublinhou, durante a aplicação da pena a sua idade e outras circun-

stâncias do crime o favorecem, “porque a pena nunca é igual para um menor de 16 anos e um adulto de 25 anos. De algum modo a lei protege este menor, sem deixar de o responsabilizar pelos seus actos”.

Nos casos em que a vítima é menor de 12 anos, esclarece ainda, a lei é mais severa, pelo que prevê e pune o autor do crime com mais anos de prisão que vão de 8 a 12 anos. Mas tendo a vítima idade igual ou supe-

rior a 13, a lei permite a liberdade provisória.

“Muitas vezes isso frustra a vítima. Por isso, trabalhamos com elas explicando as razões desse procedimento e os cuidados que devem ter na prossecução do processo, incentivando-as a fazerem os exames que vão dar ênfase à natureza do crime para que o agressor tenha a pena maior”. Conceição Nhangá disse que a repartição também trabalha para observar a celeridade do caso.

Segundo a mesma fonte, os autores dos crimes que envolvem menores de 12 anos são geralmente pessoas que têm uma relação próxima com as vítimas, como tios, professores, irmãos e vizinhos. Já as meninas maiores de 13 anos são geralmente abusadas por ex-namorados, cunhados, padrastos ou mesmo pelo entre pai.

“Estes casos são considerados estupro, tendo em conta a idade da vítima”, esclareceu.

Número de vítimas que retira a queixa reduziu

Atualmente poucas mulheres vítimas de violação sexual estão a retirar a queixa. “Antes fugiam depois da acareação, mas hoje não, já querem participar mais do processo”, disse Conceição Nhangá. Entretanto, lamenta os casos que não têm desfecho porque as vítimas não deram continuidade. Por outro lado, o desconhecimento, por falta de esclarecimento dos agentes em serviço, sobre os procedimentos legais para resolução do caso, tem motivado abandono do processo.

Normalmente, explica, o primeiro local onde as vítimas dirigem-se é a esquadra mais próxima, onde muitas vezes não recebem a informação de que o processo é encaminhado ao Comando Província, nem passam a notificação para a vítima fazer o exame forense.

Este exame, segundo Conceição Nhangá, é muito importante nos crimes de natureza semi-pública, como as ofensas corporais, para que o juiz possa aplicar a pena correspondente, tendo em conta a gravidade dos danos que o infractor causou a vítima.

Em caso de morte, o exame determina se a causa é a violação ou não. Portanto, “a vítima não tendo este esclarecimento fica muitas vezes pelo caminho”.

Conceição Nhangá conta ainda que há casos em que a vítima fica satisfeita com a detenção do agressor, porque foi apanhado em flagrante delito e desiste do processo. “Mas ninguém fica detido o tempo todo. Por isso, depois de algum tempo quando a vítima se depara com o agressor na rua fica frustrada”, esclareceu



Autoridades policiais registam aumento de denúncias das vítimas de violência sexual

Violência sexual deixa marcas graves

Adelina Inácio

A preocupação com os dramáticos índices de crescimento da violência e suas diferentes formas de manifestação coloca-se hoje como uma questão crucial para a sociedade angolana. Várias causas são apontadas como factores que proporcionam o aumento da violência como as desigualdades económicas, sociais e culturais, a disseminação das drogas, o desemprego, ou mesmo os efeitos viciosos da chamada cultura de massa. Embora esses fac-

tores contribuam para o aumento da violência, por si só não explicam o fenómeno.

Para o psicólogo Mário Cruz as marcas físicas e psicológicas da violência sexual são frequentemente graves e não se trata apenas de ferimentos, infecções sexualmente transmitidas ou gravidezes não desejadas. Refere que o uso da coacção psicológica é também muito frequente, sendo em muitos casos uma forma de o agressor confundir e criar situações de grande ansiedade e angústia na vítima.

Mário Cruz frisou que

as situações de violência sexual são, muitas vezes, difíceis de denunciar ou sinalizar, porque o medo da vítima induz ao silêncio e ao segredo, protegendo desta forma o agressor.

O transtorno causado pela violência sexual, segundo o psicólogo, associa-se ao síndrome de desordem pós traumática (SDPT), desenvolvida após qualquer acto traumático ou extraordinário. Mário Cruz indicou que a violação ou o estupro ou é uma lesão que agride o corpo, a alma e o carácter. Mas referiu que os psicólogos preocupam-se mais com a maneira como a vítima

está a viver e a conseguir ou não ultrapassar a situação, do que com as lesões corporais.

Para que a vítima ultrapasse o trauma, Mário Cruz diz ser necessário que ela fale de tudo que aconteceu, para que se sinta mais aliviada, consiga reduzir a fobia em falar sobre o assunto, o possibilita detectar outros traumas. “Mas cada caso é um caso. Nem todas as pessoas violadas desenvolvem a mesma patologia”.

A depressão profunda é apontada como a patologia mais frequente, cujo tratamento passa geralmente pela terapia cognitiva do

comportamento. À família da vítima, que também sofre com a situação, recomenda que também sejam submetidas a uma terapia que ajude a lidar melhor com a vítima.

Mário Cruz é de opinião que “a família desempenha um papel muito importante para ultrapassar esta fase menos boa da vida de uma pessoa. É preciso conversar sempre com ela, demonstrar a sua importância dentro da família e explicar que as coisas acontecem quanto menos se espera, sendo o mais importante a sua vida para alegria e o bem-estar de todos.

“Impacto da violência doméstica” analisado em mesa redonda

O Fórum de Mulheres Jornalistas para Igualdade no Género (FMJIG) e a Cooperação Espanhola em Angola realizaram, recentemente uma Mesa Redonda sobre “O Impacto da Violência Baseada no Género em Angola”, no Edifício Maianga, em Luanda, com a participação de representantes de diversas provinciais nomeadamente Bié, Cabinda, Kuanza-Norte, Benguela, Kuando-Kubango e Malange.

O objectivo da mesa redonda foi promover um debate sobre “O Impacto da Violência Baseada no Género em Angola” e colher dos participantes experiências e boas práticas utilizadas nas diferentes províncias do país para o combate e resolução dos conflitos no seio das comunidades.

Na ocasião, a directora provincial do Ministério da Família e Promoção da Mulher (MINFAMU) de Luanda, Antónia Marcelino, defendeu que a luta pela igualdade no género deve ser enquadrada nos padrões mínimos de convivência social e ligado aos valores morais.

Segundo Antónia Marcelino, que fez a abertura da mesa redonda, a Direcção Provincial do MINFAMU tem dado o seu passo na missão que lhe foi incumbida, apesar de que a pobreza muitas vezes aparece como inimigo primordial a combater



Coordenadora do FMJIG, Josefa Lamberga, e a jornalista Josina de Carvalho, que também é membro de direcção

na luta sobre a igualdade no género e todo tipo de violência.

Para Antónia Marcelino, os jornalistas devem dar maior dinamismo à denúncia para se poder diminuir o elevado índice de violência verificada todos os dias na sociedade.

O director de programas da Cooperação Espanhola

em Angola, Juan Ovejero, que interveio no evento em representação do coordenador Geral, considerou a violência doméstica uma pandemia de dimensão internacional, que necessita da acção conjunta e compromisso firme das organizações e da sociedade civil, governos e instituições internacionais, para que todo ser humano

possa viver livre dela.

A Cooperação Espanhola em Angola, referiu, apoia várias acções no sector de género e promove uma integração transversal do enfoque de género em todas as intervenções. Dentro do sector género, acrescentou, a violência contra as mulheres, é um dos âmbitos que mais se tem apoiado nos últimos

anos.

A coordenadora do FMJIG, Josefa Lamberga, fez saber que a mesa redonda enquadra-se na Campanha “Desafiando o Silêncio: Os Meios de Comunicação contra a Violência sobre a Mulher” e resulta do processo de realização de encontros comunitários em diversas províncias do país, que permitiram discutir as causas e consequências do problema no seio das comunidades.

O Sociólogo Damásio Diniz, os representantes do Fórum de Mulheres de Calandula (Malanje), Luzia Gunza, e do Núcleo do FMJIG de Benguela, João Marcos, e a jornalista Josina de Carvalho foram os oradores da referida actividade, que contou também com a participação de deputadas, representantes dos Ministérios da Família e Promoção da Mulher e da Comunicação Social, de organizações da sociedade civil e jornalistas.

A mesa redonda gerou um aceso debate, particularmente em torno do papel da família, da sociedade e do cidadão, de forma individual, no combate a violência doméstica e permitiu a recolha de contribuições, que posteriormente serão encaminhadas às instituições do Estado e às organizações da Sociedade Civil que trabalham com a temática, para que sirvam de base de reflexão na busca de soluções para o drama da violência doméstica em Angola.



Sala de Conferencia do Edifício Maianga foi pequena para acolher os convidados e interessados no debate